

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : O ESP

CLASS. : 17

DATA : 30 01 88

PG. : 15

Tóxico, nova acusação ao Cimi

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

As denúncias de que missionários ligados ao Conselho Indigenista Missionário (Cimi) estariam induzindo os índios craô de Goiás, e maxacali, de Minas Gerais, ao consumo de bebidas alcoólicas não são as primeiras do tipo recebidas pela Fundação Nacional do Índio — Funai. "Não é de hoje que chegam denúncias demonstrando atitudes irresponsáveis de pessoas que dizem defender a questão do índio", afirma o presidente da Funai, Romero Jucá Filho.

De acordo com Jucá, na mesma região dos craô, investiga-se atualmente a existência de uma plantação de maconha mantida pelos índios, com o incentivo dos missionários do Cimi. Ele afirma que estariam também envolvidos ex-funcionários da própria Funai. Pela denúncia recebida, os índios craô estariam não só sendo induzidos a plantar maconha como estariam sendo usados como intermediários no tráfico do tóxico. A apuração dessa denúncia, segundo Jucá, está agora nas mãos da Polícia Federal.

O presidente da Funai revela que esses não são os primeiros casos de envolvimento de missionários com "atividades estranhas no seu trabalho". Em julho do ano passado, na fronteira do Brasil com a Colômbia, no Amazonas, numa região conhecida como Cabeça do Cachorro, terra dos índios yauareté, foi destruída uma plantação de epadu, numa operação que contou, inclusive, com a participação do próprio superintendente da Polícia Federal, Romeu Tuma. Nessa região, também encontram-se missionários ligados ao Conselho Indigenista Missionário.

Mas não são só envolvimento com tóxicos que são verificados nas áreas indígenas. A Funai recebe também denúncias envolvendo missionários com prospecção e exploração mineral. Em 1986, a Funai expulsou da região dos surucucus, em Roraima, fronteira do Brasil com a Venezuela, terra dos índios yanomami, dois missionários protestantes suíços que estavam fazendo prospecção de ouro. Os dois suíços, Volkmar e Pierrete Louise Ziegler Bierraux, haviam obtido no dia 1º de novembro de 86 permissão da Funai para realizar um trabalho

etno-histórico junto ao grupo yanomami.

No dia 31 de agosto de 87, o casal retirou-se da área, deixando porém, todo o seu material de pesquisa com o chefe do posto indígena dos surucucus, Francisco Bezerra Lima. Por considerar o material suspeito, Bezerra de Lima mandou o material para o 2º Batalhão Especial de Fronteira, em Boa Vista. Analisado o material, constatou-se tratar-se de material de análise mineral: seis volumes sobre geologia e classificação de rochas, material de prospecção mineral e uma fita de vídeo-teipe com parte desse trabalho de análise gravado.

Cimi responde

O Cimi divulgou nota afirmando que as acusações do presidente da Funai são "falsas e caluniosas". Para o Cimi, "culpar missionários pelo alcoolismo entre indígenas é desconhecer que os índios maxacalis e craô, em função dos contatos desordenados com a sociedade não índia, foram levados ao alcoolismo". E ainda que, em relação a esse tipo de situação, "as administrações da Funai têm sido omissas".